

**A Morte e as Interpretações Arqueológicas:
Contextos Funerários na Grécia da Idade do Ferro.**

CAMILA DIOGO DE SOUZA

Doutoranda - Museu de Arqueologia e Etnologia / Universidade de São Paulo

caumilasouza@usp.br

Resumo.

Os enterramentos constituem um dos principais elementos da cultura material escavados pelos arqueólogos. Ao analisá-los, temos que levar em consideração o fato de que os vestígios encontrados correspondem a um conjunto de práticas rituais que constituem a relação entre esses contextos e a sociedade que os produziu. Tal relação não se dá de forma simples e direta, mas é idealizada e manipulada pelos vivos. É neste sentido, que a denominada arqueologia das práticas mortuárias tem se debruçado para entender os contextos funerários de um período da história da Grécia que, durante muito tempo, foi considerado como “obscuro” (a Idade do Ferro) e proporciona um campo frutífero de estudo das representações simbólicas e das relações do homem com o mundo ao seu redor e do homem com o homem.

Palavras-chaves:

Arqueologia, Práticas mortuárias, Idade do Ferro na Grécia.

Um dos principais objetos da cultura material encontrados nas escavações arqueológicas corresponde aos contextos funerários. O arqueólogo se depara inicialmente com os vestígios materiais que formam esses contextos, isto é; o túmulo com ou sem algum tipo de marca, sinal (uma lápide, por exemplo) e no interior do mesmo, com os restos ósseos humanos e os objetos depositados com o morto (o que se denomina correntemente de mobiliário funerário). Dessa forma, quando pensamos no conjunto, no todo que envolve os enterramentos, devemos levar em consideração não apenas os vestígios materiais em si encontrados pelo arqueólogo, mas também o conjunto de práticas rituais que envolveram a morte de um indivíduo e que produzem, em última instância, o registro material. Isto significa dizer que os contextos funerários integram não só os enterramentos em si, que, aliás, constituem apenas uma parte dessas

práticas mortuárias, mas integram também todo o conjunto de rituais executados pelos vivos no momento em que um indivíduo pertencente a uma comunidade morre, como por exemplo, a exposição e a lamentação do morto, o cortejo fúnebre que conduz o defunto até o local de enterramento e as cerimônias executadas um determinado tempo após a morte do indivíduo, como uma missa ou as incursões regulares dos familiares ao túmulo em uma data específica, depositando objetos para o morto. Poderíamos incluir, ainda, na definição de contexto funerário, as próprias concepções sobre a morte e as crenças que uma determinada sociedade possui a respeito da morte, como a crença ou não em algum tipo de vida após a morte.

Tais considerações nos leva, portanto, a algumas questões fundamentais que têm sendo levantadas por inúmeros pesquisadores de áreas distintas há décadas. Como estudar os contextos funerários? Como fazer com que esse registro material nos conduza ao conhecimento da sociedade que o produziu? Qual a natureza e as características da relação entre as práticas mortuárias e a sociedade?

A partir dos pressupostos da arqueologia, principalmente centrados no seu objeto de estudo, a cultura material, entendemos que um estudo sobre a morte no campo arqueológico não se dê enquanto a própria morte como objeto ou como fim último, abstrato, mas sim enquanto fenômeno humano que proporciona vestígios passíveis de análise das práticas rituais exercidas por uma determinada sociedade, os contextos funerários. O estudo desses contextos e a relação entre esse tipo de fonte material com a configuração da estrutura da sociedade, visando o entendimento desses rituais (quais seus significados e seus limites) tem sido tema de discussão entre os arqueólogos há várias décadas e, a partir das linhas teóricas mais atuais, os contextos funerários são entendidos como parte de um conjunto maior que tem por função a afirmação de traços específicos dos diferentes grupos sociais, perdurando ou alterando suas tradições e suas estruturas e conduzindo-os continuamente segundo regras e sanções que lhes são próprias (Vernant 1982: 5-15).

Dessa forma, as práticas mortuárias não devem ser interpretadas como um simples espelho das relações sociais da vida real (Binford 1971: 6-29; Goldestein 1976; Goodenough 1965: 1-24; Saxe 1970; 1971: 39-57; Willews 1978: 81-98). O conjunto simbólico das práticas mortuárias também constitui um sistema de representações aprovado socialmente das relações estabelecidas entre os indivíduos e entre os grupos sociais, característica que leva o entendimento dos contextos funerários, em parte, como

uma forma de reafirmação da ordem social, seja pela isonomia das identidades, ou pela marca de suas diferenças através da execução dos rituais funerários (Morris 1987: 29-43). Está claro que o problema da “visibilidade” do significado e da ideologia das práticas mortuárias através da cultura material é particularmente delicado e, muitas vezes, difícil de ser alcançado devido ao caráter fragmentário, uma vez que o enterramento constitui apenas uma pequena parte dos rituais fúnebres. Entretanto, a partir do estudo comparativo de vários contextos funerários, incluindo, quando disponíveis, informações sobre etnias, doenças, dietas, *causa mortis*, números relativos à população de adultos, crianças e, ainda, examinando processos de formação e organização de necrópoles em relação aos assentamentos, a partir de uma análise contextual (Parker-Pearson 1982: 99-113; 1993: 203-29; 1995: 1046-1048), poderemos alcançar reflexões e questões mais complexas que abram possibilidades para o conhecimento da sociedade.

Na tentativa de levantar algumas reflexões sobre as questões anteriormente colocadas, iremos analisar de um estudo de caso específico, os contextos funerários da região da Argólida na Grécia durante a Idade do Ferro, período que abrange aproximadamente o período entre os séculos XI e VIII a.C. Durante muito tempo, este período foi denominado de “Idade Obscura” e considerado a verdadeira “Idade Média” da história da Grécia Antiga. As causas dessa denominação são de origens filológicas, durante um período da história da Arqueologia em que a documentação material era considerada como ilustração e complementar às fontes textuais. No caso da Grécia, percebemos que durante o século XIX, há uma busca frenética e incansável do referente material das obras homéricas, da sociedade homérica. Neste contexto, vemos, por exemplo, H. Schlieman investir todas suas economias e suas energias na busca de Tróia. Entretanto, Schliemann descobre, na verdade, uma sociedade ainda muito pouco conhecida, centrada política, religiosa e economicamente em torno de um Palácio cercado por muralhas gigantescas que teve como uma de suas principais localizações o sítio de Micenas, na região da Argólida, no Peloponeso. Daí a denominação “civilização” micênica e micênios (ou micênicos) para se referir a uma cultura que durante alguns séculos estava espalhada por todo Peloponeso e pela ilha de Creta, principalmente.

A descoberta dos “ricos” enterramentos dos Círculos Tumulares A e B e dos túmulos em *tholoi* em Micenas, levou Schlieman a acreditar que estava diante da

comprovação material, da própria existência da sociedade homérica. Contudo, a partir da década de 50, M. Ventris e John Chadwick decifram grande parte do sistema de escrita encontrado nos contextos micênicos, a Linear B e, a partir daí, têm-se os primeiros registros cronológicos dessa cultura, que teria tido seu período de glória entre aproximadamente 1600 e 1200 a.C., momento em que teriam ocorrido invasões de povos bárbaros supostamente vindos do norte da Europa, os dórios, e teriam destruído a “civilização” micênica, ocasionando um período sem escrita, de queda populacional brusca, confecção dos artefatos em ferro em um estilo mais rústico e, portanto, considerado inferior, ao invés dos ricos artefatos em ouro e bronze do Período Micênico e um marcado “empobrecimento” dos enterramentos, com um número bem menor de oferendas e em menor qualidade também. É dessa maneira que surge a denominação “Idade Obscura” para explicar o fosso temporal que iria do final do século XII até o início do Período Arcaico, estabelecido cronologicamente a partir da realização dos primeiros jogos olímpicos em 776 a.C., momento em que surgiria finalmente o mundo glorioso e civilizado da *pólis* grega.

Esta situação só é modificada significativamente por volta da segunda metade do século XX, principalmente após a década de 60, quando alguns arqueólogos começam a se debruçar sistematicamente aos estudos da cultura material desse período e às escavações de sítios que tiveram um processo de ocupação relativamente contínuo durante toda Idade Obscura, como Atenas, Argos, Lefkandi, Erétria, Tirinto, Micenas, Náuplia, Lerna, Zagoura, Nicória, Asine, entre outros. No final da década de 80 e início dos anos 90, a situação já era inversa, e a Idade Obscura, agora preferencialmente denominada de Idade do Ferro, passa a ser considerada como um período fundamental para o entendimento do processo de formação e consolidação da *pólis*, que se dá essencialmente durante o século VIII a.C. A grande parte das informações é proveniente dos contextos funerários, que, a partir de então, passam a ser estudados sistematicamente no que se refere, principalmente, ao mobiliário funerário.

Entretanto, antes de iniciarmos a análise dos contextos funerários da Idade do Ferro, é interessante que evidenciemos algumas das características essenciais dos contextos funerários da Idade do Bronze, mais especificamente, do Período Micênico. Esses contextos são caracterizados como inumações coletivas ou individuais, porém depositadas em um espaço especificamente dedicado para os mortos, como os Círculos Tumulares em Micenas e os inúmeros Túmulos em Câmara ou em *tholos* espalhados

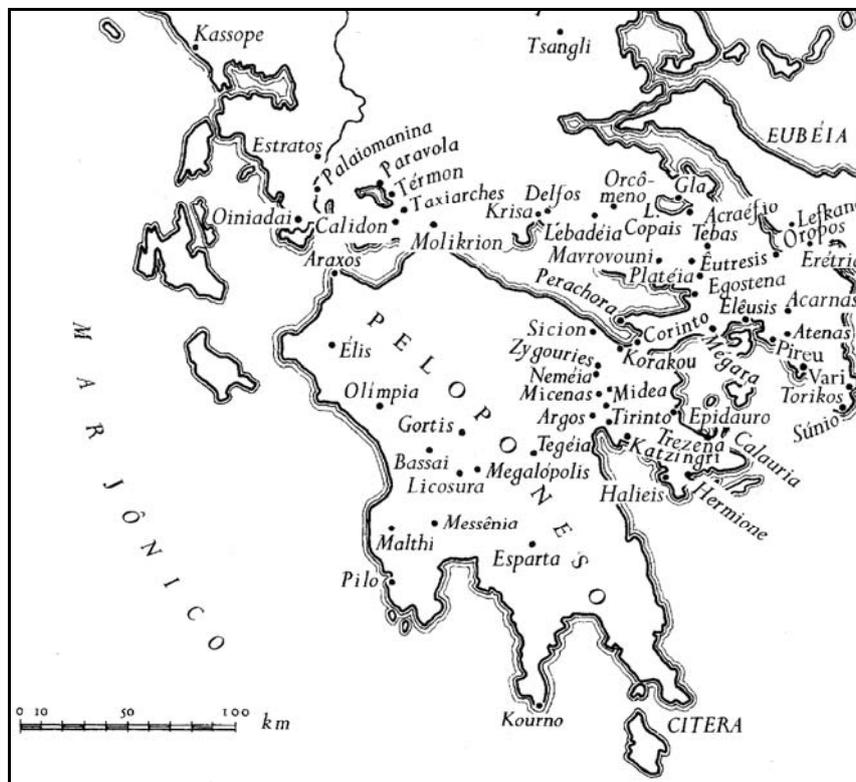
pelo Peloponeso. Nesses túmulos os mortos eram enterrados em posição estendida em covas mais profundas ou mais rasas revestidas e cobertas com pedras (as cistas) ou sem revestimento (as covas simples). Cada vez que um indivíduo de uma comunidade micênica morria, o túmulo em câmara ou em *tholos* era reaberto e o indivíduo era depositado no interior do mesmo com oferendas, formando o enterramento coletivo.

A partir do final do século XII e durante o século XI, observa-se uma modificação radical em praticamente todos os aspectos da vida com o colapso do Sistema Palacial. O registro escrito desaparece, a arquitetura não é mais monumental; as residências, agora de pequeno porte, são construídas no formato absidal, quadrado e oval e, em direção ao final da Idade do Ferro, elas vão se especializando e monumentalizando. Além disso, percebe-se uma profunda modificação na produção artesanal com a generalização do ferro para a produção de artefatos, principalmente armamentos, quer dizer; espadas, pontas de lança, punhais, escudos, elmos e armaduras, mas também outros artefatos como aqueles relacionados ao vestuário, como fíbulas, anéis, brincos e alfinetes, e na cerâmica, mudanças essas caracterizadas não apenas por uma diferenciação nas formas dos vasos, como também no processo de fabricação dos mesmos, feitos em partes e ornamentados também em partes, proporcionando a existência de faixas onde aparecem os motivos de ornamentação: pé, corpo, ombro (altura das alças), pescoço e borda. Esta divisão ganha rigidez cada vez maior da metade e em direção ao final da Idade do Ferro. Contudo, é essencial lembrarmos que as modificações mais profundas na produção cerâmica são observadas nos motivos de ornamentação, que a partir de então passam a ter a rigidez também das formas estilizadas e abstratas do estilo geométrico.

Dessa forma, a “Idade Obscura” torna-se preferencialmente, a Idade do Ferro e passa a ser subdividida em sub-períodos nomeados de acordo com o estilo decorativo da cerâmica de cada fase. São identificados, assim, genericamente cinco grandes sub-períodos: O Submicênico, que abrange aproximadamente o intervalo entre 1150 e 1050 a.C., o Protogeométrico, entre 1050 e 900 a.C., o Geométrico Antigo, entre 900 e 850 a.C., o Geométrico Médio, identificado entre 850 e 775 a.C. e o Geométrico Recente, entre 775 e 700 a.C. O Geométrico Antigo, o Médio e o Recente ainda podem ser divididos em I e II e são denominados genericamente de Período Geométrico.

Finalmente, nota-se, ainda, uma marcada transformação nos costumes funerários. Para tratarmos dessa transformação, selecionamos a região da Argólida, no

Peloponeso, centrada nos sítios de Argos, Tirinto, Asine e Micenas, sítios que apresentam a maior quantidade de enterramentos datados desde o Submicênico até o final do Geométrico Recente II, sem interrupções.



MAPA – Região da Argólida no Peloponeso, com os principais sítios: Argos, Tirinto, Asine e Micenas.

Durante o Submicênico as maiores modificações são caracterizadas pelo tipo de enterramento adotado e pela localização dos enterramentos em relação às áreas de habitação. Os sepultamentos passam a ser inumações individuais feitas cistas tipicamente em *orthostato*, quer dizer; revestidas e fechadas com grandes placas de pedra de calcário e em covas simples, isto é; fossas sem revestimento e, geralmente, cobertas com placas de pedra em calcário. Tais sepulturas são amplamente utilizadas tanto para enterramentos de adultos quanto infantis. Não há mais espaços delimitados para a deposição dos mortos, os quais são geralmente enterrados no próprio local de habitação ou em suas proximidades.

TABELA – Número total de enterramentos divididos por tipo de sepultura e sub-períodos da Idade do Ferro nos principais sítios da Argólida.

Período / Sítio	SM	PG	GA	GM	GR	“G”	Total
Argos	14	90	43	37	106	212	502
Tirinto	7	38	24	19	29	17	134
Asine		58		1	5	2	66
Micenas	4	13	1	5	10	1	34
	25	199	68	62	150	232	736

Observando a tabela acima, nota-se que o número de enterramentos datados do Submicênico é bastante pequeno quando comparado ao Protogeométrico e os demais sub-períodos do Período Geométrico e Asine não apresenta um único exemplo de enterramento datado deste sub-período. Em Argos, Tirinto e Micenas os enterramentos se dão exclusivamente em posição contraída, vale dizer; com o morto, em geral, deitado sobre as costas e as pernas dobradas para um dos lados, esquerdo ou direito. Em sua grande maioria, as sepulturas não apresentam oferendas, ou são encontrados alguns poucos vasos cerâmicos, em grande parte manufaturados, entretanto há alguns enterramentos com mobiliário funerário bastante variado; com um grande número de vasos torneados e uma grande quantidade de artefatos em metal, em bronze, ferro e ouro, como, por exemplo, o T 1957/XXVIII em Tirinto, em que foram encontrados um escudo, um elmo e uma ponta de lança em bronze e um punhal em ferro (Verdelis 1963: 10-24).

Durante o Protogeométrico, o número de sepulturas aumenta significativamente, caracterizando um total de aproximadamente 199 sepulturas para os quatro sítios mais importantes da Argólida (Argos, Tirinto, Asine e Micenas). A grande maioria dos enterramentos infantis e de adultos continua caracterizada por inumações em cista em posição contraída. Porém, há um grande número de enterramentos em cova simples em Argos, Asine e Micenas. É neste momento que verificamos a introdução de um novo tipo de sepultamento, o vaso funerário, principalmente o pito, mas também em cratera, ânfora e píxide. O número de enterramentos em vasos funerários ainda é bastante pequeno, contudo constata-se que o uso desse tipo de sepultura cresce significativamente até o final da Idade do Ferro, concentrando-se essencialmente durante o Geométrico Médio e o Recente, enquanto a utilização das cistas e das covas simples diminui. A posição estendida continua como a norma padrão de enterramentos dos mortos, contudo Asine constitui uma exceção, pois todos os enterramentos datados

do Protogeométrico são em posição estendida. Em Argos, Asine e Micenas, tanto os adultos, quanto as crianças ainda são enterradas em contextos habitacionais, porém em Tirinto já é possível se observar as primeiras áreas de concentrações utilizadas especificamente para a deposição dos mortos, fenômeno que vai ocorrer apenas mais tarde nos demais sítios, no Geométrico Antigo em Argos e apenas no final do Geométrico Médio e durante o Geométrico Recente em Asine e em Micenas.

Quando adentramos o Período Geométrico, inicialmente é verificada uma diminuição no número total de enterramentos na Argólida e uma queda particularmente brusca no sítio de Asine. Entretanto, é importante ressaltar que durante o Geométrico Antigo, ocorre o fenômeno de generalização do uso do ferro (Snodgrass 1971, 2006) para a produção de armamentos, como punhais, espadas, lanças, armaduras e, ainda, aumenta a utilização deste metal também para a confecção de artefatos de vestuário, como fíbulas e alfinetes e anéis. Os enterramentos de adultos, principalmente em cistas, apresentam-se bastante variados; além dos artefatos em metal, eles contêm também uma grande quantidade de vasos cerâmicos torneados e com diversificados motivos ornamentais do Geométrico. O número de enterramentos em vasos funerários aumenta, fundamentalmente, para encerrar os enterramentos infantis. Neste momento, verifica-se a formação de pequenos lotes de concentração utilizados exclusivamente como necrópoles em Argos e, além disso, são também identificados vestígios de oficinas que indicam já uma evidência clara de ocupação sistemática do sítio, formado por pequenas aldeias e pequenos núcleos urbanizados (Hägg 1982; Touchais 1998). Todavia, tanto em Argos quanto em Tirinto não há uma distinção entre os locais de enterramentos infantis e os de adultos, ambos são enterrados nas mesmas áreas de concentração. Em Argos essas áreas estão localizadas nas regiões sudoeste, central e noroeste da cidade atual. Em Tirinto, à sudeste e noroeste das muralhas da Acrópole micênica.

Tal processo de especialização do uso do espaço, quer dizer; uma segregação entre o espaço sagrado (aquele constituído pelo espaço dos mortos e também o das divindades) e o espaço profano (aquele formado pelo conjunto de habitações e oficinas) é fundamental para entender as mudanças que levam ao surgimento e consolidação da pólis grega durante o final do Geométrico Recente, na segunda metade do século VIII a.C.

Durante o Geométrico Médio há uma nova queda no número total de enterramentos, porém não tão acentuada. O número de artefatos em bronze volta a

crescer nos enterramentos, principalmente de adultos. As inumações em cova simples diminuem drasticamente e, principalmente em Argos e Tirinto, o número de enterramentos em pítos para adultos e crateras, ânforas e pítos para crianças cresce significativamente, mas ainda mantém o segundo lugar em relação aos enterramentos em cistas. Além disso, outra prática mortuária importante nesta região, principalmente em Argos, é o fenômeno de reutilização das sepulturas, vale dizer; durante o Geométrico Médio, os indivíduos começam a depositar os mortos, substancialmente os adultos, nos túmulos datados do Geométrico Antigo, na grande maioria das vezes e, em alguns casos, até mesmo nas sepulturas do Protogométrico.

Em direção ao final da Idade do Ferro, já no final do Geométrico Médio II, mas principalmente durante o Geométrico Recente, nota-se um aumento abrupto do número de enterramentos nos quatro sítios estudados. As inumações em cistas e em vasos funerários, tanto para adultos, quanto para crianças são praticamente os tipos exclusivos de sepulturas utilizados. Em Argos e em Tirinto, no Geométrico Recente II, é possível observar até mesmo uma inversão nas práticas mortuárias, pois o número de sepultamentos em vasos é maior do que a quantidade de cistas. Entretanto, faz-se necessário uma análise mais pormenorizada desses enterramentos, considerando não só o atributo idade, mas também o mobiliário funerário.

Para os adultos, as cistas e os pítos são largamente utilizados, contudo eles apresentam uma diferença fundamental em relação ao conteúdo. As cistas desse período são amplas, medindo mais de 2,0 m de comprimento e cerca de 1,0 m de largura e contendo entre 1 e 7 indivíduos. Em geral, constituem-se de enterramentos bastante variados, com uma grande quantidade de artefatos em metal, principalmente armamentos, espadas, adagas, pontas de flecha, elmos em ferro e bronze, mas também alfinetes e anéis em bronze e ouro e uma grande quantidade de vasos cerâmicos torneados com motivos geométricos de figuras animais e humanas bastante diversificados e típicos de uma produção argiva própria. Alguns exemplos de sepulturas desse tipo são o famoso T 45 em Argos, descoberto por Paul Courbin nas campanhas de escavações francesas realizadas em 1953, contendo uma armadura “hoplítica” e inúmeros outros artefatos em bronze, ferro, ouro e vários vasos cerâmicos com decoração variada típica do Geométrico Recente II (Courbin 1974: 40-41); o Túmulo do Terreno Stavropoulos, escavado durante as campanhas gregas em 1970, também contendo um elmo em bronze idêntico àquele encontrado no T 45, além de uma espada

em ferro e uma grande ânfora torneada e com motivos ornamentais bastante variados típicos do Geométrico Recente I (Protonotariou-Deilaki, E. 1982: 33-48) e, ainda, o Túmulo XVII, do Terreno Theodoropoulos, também escavado pelo Serviço Grego de Arqueologia, durante as campanhas realizadas em 1971 e 1972, onde foram encontrados um elmo em bronze decorado, seis *obelói* e dois punhais em ferro e uma cratera toda ornamentada com motivos variados típicos do GR I (Protonotariou-Deilaki, E. 1982: 33-48).

Além disso, as reutilizações das sepulturas do Geométrico Recente são feitas nos túmulos datados do Geométrico Antigo e do Geométrico Médio, nas mesmas áreas de concentração, a sudoeste, no centro e a noroeste. Este fenômeno pode significar que uma camada guerreiro-aristocrática do Geométrico Recente II, visível através dos enterramentos em cistas, tenta reforçar os laços familiares e de pertença a um grupo social como uma forma de legitimar e justificar seu poder e seu status, em um momento de transformações políticas e sociais que resultam no processo de formação da pólis argiva.

Os enterramentos em vasos, principalmente aqueles realizados em pitos e para os adultos, por outro lado, geralmente, apresentam poucas oferendas um, dois ou três vasos cerâmicos de pequeno porte e, em muitos casos, não possuem artefatos de qualquer natureza. Já os enterramentos infantis em Argos datados do Geométrico Recente são realizados, na maioria dos casos, em crateras, enquanto em Tirinto, nos pitos. Em geral, também não apresentam mobiliário funerário extremamente variado, contudo, as crateras são ricamente decoradas com representações de animais e figuras humanas típicas do Geométrico Recente II.

Tais características dos contextos funerários em Argos do Geométrico Recente denotam uma sociedade estratificada e bastante hierarquizada em que essa camada guerreiro-aristocrática ostentava seu poder social e, muito provavelmente político, através das práticas mortuárias. A ausência das cistas variadas nos demais sítios da Argólida durante esse período reflete a supremacia argiva e, dessa forma, Argos teria emergido como uma comunidade destacada na região, capaz de controlar militar e politicamente as demais (Hägg 1980: 119-26; 1983: 27-31; 1998: 131-135). Poderíamos entender dessa forma, a destruição de alguns sítios importante na região por Argos, como Asine, por volta de 700 a.C. e de Tirinto e Micenas um pouco mais tarde, logo após as Guerras Pérsicas (Pausânias IV 23, 3).

Apesar de não detalharmos extensivamente os dados e o material analisado dos túmulos catalogados durante esta pesquisa, tentamos apresentar aqui, de forma bastante sintética, algumas das questões e das reflexões que os contextos funerários podem suscitar em relação à configuração da sociedade, exteriorizando através das práticas mortuárias, mesmo que de forma manipulada e idealizada, anseios e interesses de determinados grupos dessa sociedade. Está claro que neste campo de estudo, ainda há muito a ser percorrido, principalmente no que diz respeito aos aspectos metodológicos, como a interação entre os trabalhos arqueológicos e as pesquisas osteológicas, que levantariam questões fundamentais, como por exemplo, sobre a relação entre gênero e mobiliário funerário, ou entre dieta e idade e/ou gênero, e assim por diante. Ainda há poucos estudos nesse sentido e também pouco diálogo entre os pesquisadores. Esperamos que futuros estudos possam refletir sobre tais questões e proporcionar considerações mais pormenorizadas e o estabelecimento de laços mais precisos sobre a relação tão problemática entre os contextos funerários e a sociedade.

Referências Bibliográficas.

BINFORD, L. (1971) “Mortuary Practices: their study and their potential” In: BROWN, J. A. (ed.) *Approaches to the social dimension of mortuary practices*, *Memoirs of the Society for American Archaeology* 25, Issue as *American Antiquity* 36, p. 6-29.

BLOCH, M. (1981) “Tombs and States”, in HUMPHREYS, S. C. and KING, H. (eds.) *Mortality and Immortality. The Anthropology and Archaeology of Death*. Proceedings of a Meeting of the Research Seminar in Archaeology and Related Subjects held at the Institute of Archaeology, London University, in June 1980. London: Academic Press, p. 137-47.

BLOCH, M. (1989) *Ritual, History and Power: Selected Papers in Anthropology*. London: The Athlone Press.

BOARDMAN, J.; CURTZ, D.C. (1971) *Greek Burial Customs*. London: Thames and Hudson.

COURBIN, P. (1974) “Les Tombes Géométriques d’Argos, I (1952-1958)” *Études Péloponnésiennes VII*, École Française d’Athènes, Paris: Librairie J. Vrin.

DESBOROUGH, V. R.d’A. (1972) *The Greek Dark Ages*. London: Ernest Benn Limited.

FOLEY, A. (1988) “The Argolid 800-600 B.C.” *SIMA*, vol. LXXX, Göteborg.

FOLEY, A. (1995) “Idle Speculation about Argos? Some Thoughts on the Present State of Eighth and Seventh Century Argive Studies” In: *Klados – Essays in Honour of J. N. Coldstream*. *BICS – Suppl.* 63, pp. 79-86.

FOLEY, A. (1998) “Ethnicity and the Topography of Burial Practices in the Geometric Period” In: PARIENTE, Anne et TOUCHAIS, Guilles (eds.) *Argos et l’Argolide. Topographie et Urbanisme*. Actes de la Table Ronde Internationale 28/4 – 1/5/1990 – Athènes, Argos. *Recherches Franco-Helléniques III*, 1998, pp. 137-43, especialmente p. 138-39.

GOLDSTEIN, L. (1976) *Spatial Structure and Social Organization*. PhD thesis, Northwestern University.

GOODENOUGH, W. H. (1965) *Rethinking ‘Status’ and ‘Role’. Toward a General Model of the Cultural Organization of Social Relationship*. In: BANTON, M. (ed.) *The Relevance of Models for Social Archaeology*. ASA. Monographs, London: Tavistock Publications, p. 1-24.

HÄGG, R. (1974) “Die Gräber der Argolis in Sumykenischer, Protogeometrischer und Geometrischer Zeit” *BOREAS* 7:1, Lage und Form der Gräber, Uppsala.

HÄGG, R. (1980) “Some Aspects of the Burial Customs of the Argolid in the Dark Age.” *AAA XIII*, pp. 119-26.

HÄGG, R. (1982) “Zur Stadtwerdung des dorischen Argos” IN: PAPPENFUSS, F. und STROCKA, V. M. *Palast und Hütte. Beiträge zum Bauen und Wohnen im Altertum von Archäologen, Vor- und Frühgeschichtlern*. Tagungsbeiträge eines Symposiums der Alexander von Humboldt-Stiftung Bonn – Bad Godesberg veranstaltet vom 25-30 November 1979 in Berlin. Berlin: Zaberndruck, Mainz am Rhein, p. 297-307.

HÄGG, R. (1983) “Burial Customs and Social Differentiation in 8th-Century Argos.”
HÄGG, R. & MARINATOS, N. (eds) *The Greek Renaissance of the Eight Century B. C.: Tradition and Innovation. Proceedings of the Second International Symposium at the Swedish Institute in Athens, 1-5 June, 1981*. Stockholm, 1983, pp. 27-31; Id. “Some Aspects of the Burial Customs of the Argolid in the Dark Age.” *AAA XIII*, pp. 119-26.

HÄGG, R. (1998) “Argos and Its Neighbours: Regional Variations in the Burial Practices in the Protogeometric and Geometric Periods” In: PARIENTE, Anne et TOUCHAIS, Guilles (eds.) *Argos et l'Argolide. Topographie et Urbanisme*. Actes de la Table Ronde Internationale 28/4 – 1/5/1990 – Athènes, Argos. *Recherches Franco-Helléniques III*, pp. 131-135.

MORRIS, I. (1987) *Burial and Ancient Society. The rise of the Greek city-state*. Cambridge: Cambridge University Press.

PAPADIMITRIOU, A. (2006) “The Early Iron Age in the Argolid: some new aspects” IN: DEGER-JALKOTZY, S. and LEMOS, I. (Eds.) *Ancient Greece. From the Mycenaean Palaces to the Age of Homer*. Edinburgh Leventis Studies 3. Edinburgh: Edinburgh University Press, p. 531-47.

PARKER-PEARSON, M. (1982) “Mortuary Practices, Society and Ideology: an Ethnoarchaeological Study” In: HODDER, I. (ed.) *Symbolic and Structural Archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 99-113.

PARKER-PEARSON, M. (1993) “The Powerful Death: Archaeological Relationships between the Living and the Death”, *Cambridge Archaeological Journal* 3, p. 203-29.

PARKER-PEARSON, M. (1995) “Return of the Living Dead: Mortuary Analysis and the New Archaeology Revisited”, *Antiquity* 69, p. 1046-1048.

PARKER-PEARSON, M. (1999) *The Archaeology of Death*. Stroud: Allan Sttun.

PROTONOTARIOU-DEILAKI, E. (1982) *ASAtene* 60, p. 33-48.

SAXE, A. A. (1970) *Social Dimensions of Mortuary Practices*. Ph.D. Michigan University: Ann Arbor Microfilm.

SAXE, A. A. (1971) “Social Dimensions of Mortuary Practices in a Mesolithic Population from Wadi Halfa, Sudan” In: BROWN, J. A. (ed.) *Approaches to the social dimension of mortuary practices*. *Memoirs of the Society for American Archaeology* 25, Issue as *American Antiquity* 36, p. 39-57.

SNODGRASS, A. M. (1971) *The Dark Age of Greece. An Archaeological Survey of the Eleventh to the Eighth Centuries BC*. New York: Routledge.

SNODGRASS, A. M. (2006) *Archaeology and the Emergence of Greece: collected papers on Early Greece and related topics (1965-2002)*. Edinburgh: Edinburgh University Press.

TOUCHAIS, Guilles et VALAKOU, Divari (1998) “Argos du Néolithique à l’époque Géométrique: Synthèse des données archéologiques” In: PARIENTE, Anne et TOUCHAIS, Guilles (eds.) *Argos et l’Argolide. Topographie et Urbanisme*. Actes de la Table Ronde Internationale 28/4 – 1/5/1990 – Athènes, Argos. *Recherches Franco-Helléniques III*, pp. 9-18.

VERDELIS, N. M. (1963) “Neue Geometrische Gräber in Tiryns.” *AM LXXVIII*, pp. 1-62.

VERNANT, J.-P. (1982) “Introduction” in: VERNANT, Jean-Pierre et GNOLI, G. (dir.) *La Mort, Les Morts dans Les Sociétés Anciennes*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 5-15.

WHITLEY, J. *Style and Society in Dark Age Greece. The Changing Face of a Pre-Literate Society 1100 - 700 B.C.* Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

WILLEMS, W. J. H. (1978) “Burial Analysis: a new approach to an old problem” *BERICHTEN* 28, p. 81-98.